

**BRASILIDADE ENTRE AS MONTANHAS DE BELLUNO: A
VERTICALIDADE E A HORIZONTALIDADE DO PENSAMENTO
ESPACIAL SOBRE O SER BRASILEIRA PARA UMA IMIGRANTE
BRASILEIRA NA ÍTALIA**

**BRAZILITY BETWEEN THE HIGHLANDS BELLUNO:
VERTICALITY AND HORIZONTALITY OF SPACE THOUGHT
ABOUT BEING BRAZILIAN FOR IMMIGRANT BRAZILIAN IN
ITALY**

**BRASILIDAD ENTRE LAS TIERRAS ALTAS DE BELLUNO:
VERTICALIDAD Y HORIZONTALIDAD DE PENSAMIENTO
ACERCA SER BRASILEÑO PARA UNA INMIGRANTE
BRASILEÑA EN ÍTALIA**

Lohaine Jardim Barbosa¹
lorijardim@gmail.com

RESUMO: Este artigo visa discutir a partir da metáfora “horizonte” e “verticalidade” instrumentalizados no discurso de uma imigrante brasileira na Itália, os binarismos existentes em nosso pensamento colonizado por uma visão eurocêntrica/capitalista/moderna, que culmina numa leitura dicotômica da realidade, possibilidade pela construção de uma ideia de pátria acolhedora, e qualidade de vida a partir do modo de vida europeu, enquanto um projeto colonial vitorioso. A proposta que faço é a da superação de uma construção dicotômica do mundo, por uma realidade híbrida e inter-relacional, aberta e de devires múltiplos.

PALAVRAS-CHAVE: Colonialidade, Pensamento espacial, Decolonial.

ABSTRACT: This paper discusses from the metaphor "horizon" and "verticality" instrumentalized in the speech of a Brazilian immigrant in Italy, the existing binaries in our thinking colonized by a Eurocentric view / capitalist / modern, which culminates in a dichotomous reading of reality, possibility the construction of an idea of welcoming country, and the quality of life from the European way of life, while a victorious colonial project. The proposal I make from this finding is overcoming a dichotomous construction of the world, a hybrid reality and inter-relational, open and multiple becomings.

KEYWORDS: Coloniality, spatial thinking, colonialist.

RESUMEN: En este trabajo se analiza desde la metáfora del "horizonte" y "verticalidad" instrumentalizado en el discurso de un inmigrante brasileño en Italia, los binarios existentes en nuestro pensamiento colonizado por una visión eurocéntrica / capitalista / moderna, que culmina en una lectura dicotómica de la realidad, posibilidad la construcción de una idea de país acogedor, y la calidad de vida de la forma de vida europea, mientras que un proyecto colonial victorioso. La

¹ Professora da Pós Graduação em Educação e Direitos Humanos – NEAD/UFES, doutorando em Geografia (UFES) com Mestrado em Ciências Sociais e Especialista em Comunicação Estratégica e Gestão de Imagem. É membro do Núcleo de Estudos Indiciários/UFES e do Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais do Departamento de Geografia/UFES, pesquisadora associada ao FAZER BRASIL.

propuesta que hago de este hallazgo es la superación de una construcción dicotómica del mundo, una realidad híbrida e inter-relacional, abierto y múltiples devenires.

PALABRAS CLAVE: colonialidad, el pensamiento espacial, colonialista.

APRESENTAÇÃO

[...] sempre interpretamos as coisas de certo ponto de vista, segundo um interesse, recortando um esquema de visão... sempre seletivo que, conseqüentemente, deve tanto ao engeçecimento quanto à visão. (DERRIDA, 2012, p.73)

O pensamento chamado Pós Colonial sempre me enamorou, sempre senti que nosso conhecimento sobre nós mesmos nunca foi fiel, sempre colonizado, sempre inferiorizado a partir de uma síndrome dos colonizados. Meu desagrado com essa construção de nosso patinho feio íntimo, logo foi ganhando justificação em meu primeiro contato com os textos de Stuart Hall, Hommi Bhabha, Coronil, Benedict Anderson, Silviano Santiago e muitos outros, e me sentia como sendo fiel a uma nova corrente de pensamento na América Latina, onde nos reconhecíamos enquanto frutos da colonização de um pensamento que sempre foi eurocêntrico, ocidental e capitalista. E por mais que desejássemos ser “pós-modernos”, não operávamos realmente uma ruptura com essa forma de pensar os outros e a nós mesmos. Um espelho perverso, talvez!

Não foi por acaso que escolhi Rimbaud para o personagem principal de minha dissertação de mestrado, sua ruptura e crítica à moral burguesa era para mim quase como um alter ego! Rimbaud representava a rebeldia que eu deseja ter com a minha pena colonializada. A empreitada deu certo, e, dissertação defendida, me senti orgulhosa de estar produzindo algo original, algo poético sobre a realidade social, e que colocava em xeque nossos saberes e fazeres naturalizados por uma ciência caolha.

Mas eis que um dia me perguntei: será que realmente estou fazendo jus a minha proposta, se os meus referenciais teóricos continuam sendo europeus, norte americanos...? Mas não, tem o Bhabha, sim tem um Indiano e tem sempre o Silviano Santiago, mas um indiano e um brasileiro... Basta para dizer que estou desfocando-me do meu ocidente colonizador?

Essa inquietação me levou a me matricular na disciplina de “Latinoamericanidades, Narrativas e Decolonialidade” como o primeiro mergulho do meu primeiro semestre no doutorado, e embora a mesma estivesse sendo oferecida em outro programa que não o meu (Programa de Pós Graduação em Geografia), a interdisciplinaridade já fazia parte de

minha formação e de meu projeto pessoal. Não foi à toa que a poesia foi a forma através da qual eu consegui discutir epistemologia nas ciências sociais.

Na ementa, diversos autores antigos, mas novos para mim estavam lá, à espera de nosso deleite; mas, eis que de início, me incomodei com a falta de meus autores Pós Coloniais, com os quais estava habituada, e me sentia em casa ao conversar. Eis o primeiro sintoma!

Ao conhecer autores Latino-Americanos que pensam seus territórios, problemas e métodos, percebi que não eram tão distantes assim de meus Pós Coloniais nos modos de empreender suas pesquisas e conhecer a sua realidade social, mas o fato de desconhecê-los, dizia algo muito importante sobre a colonização de meu pensamento, e impunha a mim uma necessidade urgente de reflexão crítica do que havia produzido até então.

Não se trata de preciosismo, mas sim de honestidade, de um projeto político e intelectual de se pensar a realidade social brasileira, de se produzir reflexões honestas e condizentes com o que acreditava ser necessário num sentido de empreender a descolonização do meu próprio pensamento, por anos treinado nas carteiras nelas quais passei ao longo de minha vida.

Dessa forma, vários temas me veio a mente, principalmente decorrentes da necessidade de pensar um conceito, uma questão, ou um desafio que fosse aproveitável para a minha tese... Ops! Sim, estava sendo extremamente utilitarista, como bem fui treinada a ser! Novo esforço então? Por que não buscar antes o prazer de se produzir algo da simples necessidade de pensar o trivial?

Foi então que no meio da disciplina fiz uma viagem à Itália, um presente de aniversário que me prometia desde meus 28 anos, e que pude realizar apenas em comemoração aos 31, antes tarde do que nunca!

Viajar sozinha é muito bom, principalmente por que você se obriga a conhecer pessoas, lugares e a sentir intensamente toda a novidade que sempre é conhecer um lugar diferente, sem alguém para compartilhar no momento exato que o pensamento toma forma, e não há nada mais original que refletir sobre as percepções imediatas. A Itália me veio linda, deliciosa, e principalmente acolhedora, já que me hospedei na casa de minha tia, que me viu nascer, e tive um reencontro com um primo, com quem brinquei toda a minha infância e de quem nunca perdi a cumplicidade e a empatia.

Mas o mais especial dessa viagem, não foi apenas o conhecer a região do Veneto, e a famosa Veneza e a romântica Verona, foram conversas, varando a madrugada, que tive a

oportunidade de ter, com uma brasileira que emigrou para a Itália no início da década de 1990, sendo a primeira negra a chegar à tradicional cidade de Belluno.

E eis que em nossa segunda madrugada de conversações, desabafos, e lembranças do Brasil e de sua chegada à Itália, eis que percebi que lá estava o material para o meu artigo, lá estavam as narrativas que me permitiriam reflexões sobre o que é ser brasileiro, e o que é isso de brasileiro. Pedi sua permissão para utilizá-la como minha fonte, e sequestrar-lhe seus relatos e algumas falas, pelo bem de minha aprovação na disciplina. Ela, muito tímida, aceitou e escolheu seu próprio nome fictício: MNDA: uma brasileira, mineira, que imigrou para a Itália após conhecer um italiano no Rio de Janeiro e se apaixonar, há 27 anos, levando seu filho de então 7 anos, para viver com ela e seu marido italiano que o adotou como filho, fugindo assim, de uma vida de fome e dificuldades num Brasil, onde mães solteiras dificilmente casariam novamente, e, onde à mulheres com apenas o ensino fundamental completo restaria apenas o trabalho de doméstica em casas de família, serviços gerais, camareira ou garçonne em bares e restaurantes².

Todos nós pensamos sobre como nos sentimos em relação ao nosso mundo exterior, e sobre as nossas diferenças em relação aos outros, afinal, é exatamente assim que construímos as nossas identidades, o nosso ser no mundo, não é? Pautamo-nos no que o outro é e eu não sou, ou o que o outro não é e eu sou! E se os nossos vizinhos são diferentes de nós, o que dizer de pessoas que pertencem a outros países, falam outra língua e se vestem diferentemente de nós?

As experiências no exílio mostram muito sobre nós mesmos (APPADURAI, 2001) e muito mais sobre nossas casas; ao vislumbrar a casa do outro, a nossa passa a ser vista de fora, e somos levados a efetuar comparações e distanciamentos, importantes do ponto de vista de uma crítica a nós mesmos, refazer o caminho do nosso preconceito, de nossas concepções, e julgamentos.

Por isso, as conversas na cozinha da casa de Mnda me chamaram atenção para a forma como ela percebia o seu lar: Brasil, quando decidiu ir morar na Itália e como percebe o seu lar hoje. A sua experiência que se constituiu enquanto um exílio, em virtude de ter passado por um processo de reterritorialização em Itália, possibilita a mesma o movimento de olhar para a casa, a partir de um novo lar que não é o seu lar, colocando-a num lugar híbrido.

² Essas considerações sobre os trabalhos possíveis são baseados na própria experiência de vida da entrevistada, e os empregos em que trabalhou.

Por isso, para este artigo, trabalharemos com duas noções elaboradas aqui (com base nas falas de nossa fonte/entrevistada), de forma arquetípica: horizontalidade (para designar as relações de ligação afetiva com uma terra de origem, ou pátria) e verticalidade (para designar o território do exílio, o território para onde se emigra).

A escolha pela horizontalidade e a verticalidade, se deram por conta das falas de nossa informante, e a narrativa de sua experiência em relação ao território representando pelas memórias de um Brasil, resignificado diante de sua experiência como imigrante na Itália, e sua representação da vida na Itália, a partir da relação com as montanhas de Belluno, e sua “verticalidade”.

A metáfora “horizontalidade e verticalidade” será instrumentalizada aqui para reforçar os binarismos existentes em nosso pensamento colonizado por uma visão eurocêntrica/capitalista/moderna e cristã, que culmina numa leitura dicotômica da realidade, possibilidade pela construção de uma ideia de pátria acolhedora, enquanto um projeto colonial vitorioso.

A proposta que faço a partir dessa constatação é a de superação de uma construção dicotômica do mundo, por uma realidade híbrida e inter-relacional, aberta e de devires múltiplos.

Essa metáfora também já fora empreendida por Milton Santos (1996) em sua obra: “A natureza do Espaço”, onde em seu capítulo 12, denominado “Horizontalidade e verticalidade” onde o autor faz um apanhado das categorias: horizontalidade e verticalidade, na qual a primeira iria ao encontro com uma definição tradicionalmente aceita na geografia regional, isto é, pontos contínuos e contíguos no espaço que se agregam sem descontinuidade. E a segunda seria resultante das transformações produtivas aceleradas pela globalização.

As verticalizações seriam a expressão da união vertical entre os lugares em função das interligações e conexões produzidas pelas técnicas e tecnologias que se instalam a fim de atender à lógica de unificação do mercado global, ou seja, a verticalização funcionaria em prol de um projeto capitalista unificado. Esta se encontraria circunscrita por normas rígidas de funcionamento, tendo como principal beneficiário as grandes corporações globais, e os grandes conglomerados industriais.

As horizontalidades seriam expressas pelas ações locais que não possuem vínculos ou interesses em servir à lógica vertical, ou seja, as lógicas do “aconchego”. Ela é, sobretudo, a liberdade e o poder de expressão da sociedade, que pode vir a gerar um conflito de ideias, isto é, onde se depositariam as possibilidades de um vir a ser, de um

realizar-se, que resultaria numa busca por reivindicações que podem vir a se opor às contingências do espaço comum, no espaço da horizontalidade.

Apesar de essa aproximação ser pontual em nosso estudo de caso, temos a metáfora da horizontalidade e da verticalidade conduzidas de forma a fazer a conversar com a diferenciação proposta por Milton Santos (1996); onde a horizontalidade estaria ligada ao lar, às relações próximas, à memória da casa, e do lar e a resistência dos laços de parentesco e da saudade de casa, e a verticalidade ao projeto de vida fora do Brasil, ao projeto de família patriarcal, e ao projeto de mudança de vida econômica que motiva a imigração de nossa personagem, como um eco de um projeto hegemônico assimilado pelo mundo ocidental.

Segundo Milton Santos “os vetores de modernização são entrópicos. Eles trazem desordem aos subespaços em que se instalam e a ordem que criam é em seu próprio benefício. E a união vertical (...) está sempre sendo posta em jogo e não sobrevive senão à custa de normas rígidas” (SANTOS, 1996, p. 227). Nesse sentido, a horizontalidade também se configuraria como uma resistência a essas forças e normas rígidas impostas pela verticalidade, é a liberdade que se instaurariam em virtude do caos e da desordem dos subespaços, caracterizados aqui, pela horizontalidade.

Assim, podemos pensar as lembranças e a saudade de casa, como uma resistência à violência da necessidade de uma reterritorialização forçada, no caso de Mnda. A horizontalidade caracterizada não de forma pura, mas pela constituição híbrida, de um lar, que não é mais “o lar”, mas ainda o lugar de significação. Embora não seja pretensão desse artigo referendar diretamente Milton Santos, talvez as mesmas inspirações, tenham nos tocado por meios diferentes.

CONHECIMENTO E PODER: A LÓGICA DA COLONIZAÇÃO DO PENSAMENTO

Considerar os sistemas de conhecimento-poder nos quais nossas conceituações são construídas é um gesto de honestidade, de reconhecimento da parcialidade, limitação e incompletude de nossas análises. O objeto de investigação não é uma realidade dada, mas uma construção do pesquisador a partir de sua experiência e seus desejos, ou seja, sua escolha, bem como os olhares que incidem sobre essa realidade são sempre intencionais. Geertz (2013, p.7) nos alerta para o “... o que chamamos de nossos dados são realmente nossa própria construção das construções de outras pessoas”. Portanto, não é possível

dissociar nossas interpretações de seu caráter político e situacional. Neste sentido, elas não poderiam pretender universalidade ou adquirir um caráter de verdade, tampouco ser incontestável, uma vez que se tratam de interpretações, e construções sobre construções.

Por outro lado, esse reconhecimento também permite a problematização da “naturalização” de nossas construções conceituais, além de nos atentar para as consequências desse processo de “naturalização” de determinados modos de imaginar o espaço e o tempo, bem como os territórios e os lugares. Essa naturalização carrega em si as características do que podemos chamar de uma colonização de nosso pensamento, onde conceitos chave são instrumentalizados por nossa memória na construção de imagens mentais, e na leitura simbólica do mundo. Esses procedimentos, automáticos e naturais, revelam sobre nós mesmos, muito mais do que experiências vividas, evidenciam marcas que se encontram sob nossa pele, e que se imprimem em nossos pensamentos, comportamentos e atitudes, não como uma segunda pele, mas, como primeira camada epitelial.

Tratam-se de relações que exprimem condições de poder, submissão, e dominação ideológica que direcionam a produção do conhecimento a partir de uma lógica binária, linear, capitalista e ocidentalizada, e derivada de um projeto moderno, gestado desde o século XVI e tornado efetivo a partir de um projeto colonial.

Na contemporaneidade, os teóricos do chamado Decolonial têm tecido reflexões importantes sobre estas questões (DUSSEL, 2010; MIGNOLO, 2003, SEGATO, 2010 ; LERMA, 2010) denunciando o que seria a colonização do pensamento cultural, social e político dos países ex-colônias. Esses autores apontam para o que seria uma construção eurocêntrica, cristã heteronormativa e ocidental do mundo, da ciência e das teorias a partir das quais pensamentos o mundo e nós mesmos, e defendem a produção de novos olhares, teorias, metodologias e conhecimentos que tomem como centro irrigador os pensadores Latino-Americanos, e também os filósofos e pensadores nativos. A proposta de uma descolonização do pensamento se apresenta enquanto um projeto intelectual, mas também político, que visa evidenciar a voz dos antes silenciados, em prol de um pensamento descolonizante, libertário, autônomo e original, dos pensadores dos países que por anos foram enclausurados como subdesenvolvidos, selvagens, violentos ou “em desenvolvimento”.

Essa descolonização “(...) significa un desprendimiento epistémico del conocimiento europeo, pensar la propia historia, pensar la propia liberación pero con categorías propias, desde nuestras propias realidades y experiencias” (LERMA, 2010, p. 11). A ideia de um

pensamento que supere as dicotomias do pensamento ocidental, cristão heteronormativo, capitalista está no cerne da proposta de superação de um “complexo de inferioridade” assimilado durante anos de colonização, escravidão, expropriação e dominação cultural, econômica, social e ideológica por parte dos países do norte.

É em prol dessa proposta que analisamos aqui a construção da dicotomia: horizontalidade e verticalidade na construção da ideia de pátria brasileira *versus* Itália, na percepção de uma imigrante brasileira em Belluno (Itália).

FLUXOS MIGRATÓRIOS

As discussões contemporâneas sobre as migrações, num mundo globalizado, tornam importante a consideração acerca de duas transformações em relação aos períodos anteriores. A primeira refere-se à intensificação e à reconfiguração dos fluxos migratórios, um processo ainda em curso e não passível de estabilização e a segunda, refere-se ao enfraquecimento relativo da capacidade de controle e gestão desses fluxos pelos Estados Nacionais, tanto nos países receptores quanto nos países exportadores de mão de obra.

Nesse processo, é possível distinguir (pelo menos) três tipos básicos de migrantes, segundo Gildas Simon (2002): 1) os que respondem a demandas de mão de obra a partir de nichos de empregos específicos nos países receptores, e que se caracterizam pelo fato de aceitarem exercer funções subalternas sem relação direta com seus níveis de escolarização ou experiências laborais anteriores; 2) os que constituem uma elite profissional circulante e internacionalizada, exportadora de competências técnicas como a identificada por Tarrus (2000), Sennett (2004) ou Beck (2006); e 3) os refugiados. E, nesse contexto, a capacidade dos Estados nacionais em administrar e controlar os fluxos migratórios vem sofrendo mudanças significativas.

Sem jamais ter sido absoluta, tal capacidade foi historicamente maior do que é hoje e, em todo caso, era considerada efetiva nos diferentes países receptores enquanto durou a demanda por mão de obra. A Europa Ocidental, que no momento do pós-guerra tinha um saldo migratório negativo, inverteu essa situação no quadro da reconstrução, a partir de um apelo à mão de obra estrangeira. Foi a partir de meados dos anos de 1970, quando se fecharam as portas à imigração de trabalho, que a impossibilidade de exercer um controle eficaz sobre os fluxos de migrantes tornou-se evidente, no contexto de um debate público em que a questão do desemprego aparecia como tema de primeira importância.

Diversos são os recursos que o imigrante lança mão para tornar a imigração um projeto de vida, ou simplesmente um projeto profissional. Entre esses recursos, para fins

desse artigo, destacarei os recursos culturais, subjacentes à integração cultural do mundo, que resulta da generalização do acesso à televisão e aos meios de comunicação de massa e que produziram a “democratização da imaginação”, conforme os termos de Appadurai (2001) - democratização da capacidade de se projetar mais além das relações de exclusão e dominação que caracterizam a experiência da sedentaridade.

O referido autor reconhece também aos migrantes um grau importante de autonomia, que contrasta com a imagem de “fugitivos da miséria” através da qual eles são frequentemente descritos. Mas essa autonomia dos migrantes baseia-se também em uma série de “saberes” específicos, associados à experiência da mobilidade – saber atravessar fronteira, saber circular entre diferentes universos de normas e de comunicação, ter capacidade de adaptação à culinária local e seus costumes, saber aderir a redes de solidariedade muito mais complexas e diversificadas, capacidade de exercer empatia, entre outras habilidades instrumentalizadas no processo de adaptação à novos climas, cultura, relações sociais, e comportamento. Essa autonomia apoia-se, enfim, em uma utilização racional das oportunidades abertas por uma economia globalizada que hoje escapa, pelo menos em parte, ao controle dos Estados-nação.

A circulação migratória constrói relações que atravessam as fronteiras dos Estados-nação, e faz emergir territórios autônomos que dão origem a formas sociais particulares e diversificadas, engendrando relações sociais diversas partir de situações multilocalizadas.

Da mesma forma que essas relações se constituem transformam-se também as percepções pessoais dos imigrantes em relação ao seu país de origem, e novas relações simbólicas passam a ser estabelecidas a partir de uma nova leitura de suas realidades.

A experiência da diáspora do ponto de vista cultural, nos remete à constituição de grupos sociais que definem suas identidades coletivas por meio da pertença infra ou supranacional, conferindo-se nova legitimidade à pertença transnacional evidenciando uma identidade híbrida onde o binarismo integração/assimilação dá lugar a ambivalência de uma identidade formada a partir de um co-pertencimento para além da alteridade.

É debruçada sobre essas reflexões acerca da experiência imigrante, que me propus a analisar o discurso de uma imigrante brasileira na Itália, habitante da região do Veneto, cidade de Belluno³.

³ Minha entrevista foi privilegiada por se tratar de uma parenta de segundo grau, o que tornou possível acessar um nível de intimidade muitas vezes impossível de ser alcançado por um entrevistador comum. As conversas travadas ocorreram à noite, quando ficava a sós com a entrevistada e vararam madrugada em tom de confissão e desabafo.

A MEMÓRIA DE MNDA

O Nome de MNDA⁵ foi a própria entrevistadora que escolheu⁵ como condição para permitir que suas confissões virassem material para este artigo. A nossa personagem imigrou para a Itália em fins da década de 1980, após conhecer um italiano e iniciarem um relacionamento. A adaptação não foi nada fácil, seguindo a mesma:

“Eu fui a primeira negra a chegar aqui em Belluno, as pessoas olhavam para mim e me estranhavam muito, nunca haviam visto alguém com a minha cor... me apontavam na rua, e falavam nas minhas costas, mas eu também nunca levei desaforo para casa ... nunca permiti que me humilhassem, mesmo que voltasse para casa chorando” (Mnda)

A questão racial aparece como o primeiro choque sofrido por nossa personagem, ela era considerada não apenas uma estrangeira, mas uma pessoa estranha, em virtude do tom “anormal” de sua pele enegrecida, numa comunidade onde todos tinham a pele branca.

“Eu fui a primeira negra a morar em Beluno, e eu vim casada, para me estabelecer, eu tinha que me adaptar a língua deles, a comida, a forma de se vestir e a vida, e por isso cheguei a esquecer sobre o Brasil!” (Mnda)

A cidade de Belluno, rodeadas por belas montanhas, ao norte da Itália na Região do Veneto, é um conhecido destino turístico de praticantes de ski, suas famosas Dolomitas⁴ são, atualmente, Patrimônio Histórico da Humanidade (declarada em 2009, pela UNESCO); no entanto, trata-se de uma cidade rodeada por montanhas, geograficamente fechada, de difícil acesso, fazendo fronteira com a Áustria. Belluno foi sempre habitada por poucas famílias, que tinham pequenas propriedades e viviam uma vida endurecida pelo frio e as diversas dificuldades de uma vida nos Alpes.

E se a vida dos italianos moradores de Belluno não era fácil, não foi menos fácil para uma brasileira capixaba, filha de mineiros. Desde o início, sua maior preocupação foi apreender o que podia daquela cultura, principalmente a língua, pois ali seria sua nova casa, sua residência por muitos anos, talvez até sua velhice, pois quando foi para lá, o fora na intenção de formar uma família com seu marido, e por esse motivo, seu filho com então 7 anos, foi levado logo depois de seu estabelecimento no seio da família marital.

⁴ No sul dos Alpes, a faixa de montanhas situadas entre os rios Adige e Piave e entre os vales de Val Pusteria e Belluno é denominada Dolomiti ou Dolomitas. Seu nome vem dessas rochas únicas, descobertas pelo marquês Déodat Gratet de Dolomieu, que durante uma viagem em 1788 nessa região pegou amostras e depois de analisá-las, descobriu que elas eram compostas de cálcio e magnésio. São rochas formadas pelo acúmulo de corais e algas calcárias num ambiente marinho e tropical há cerca de 250 milhões de anos. (<http://www.dolomitiunesco.info/>, acessado em 30 de março de 2016)

“Eu vim e logo aprendi a língua, eu queria muito me vestir como eles, aprender tudo (...) no começo usava muitas roupas curtas ainda, costume do Brasil, e por isso também, chamava muita atenção, mas com o tempo fui me adaptando e mudando meu jeito de ser, ao ponto de quase esquecer o português, minha língua materna” (Mnda)

A adaptação foi violenta! Ao ponto de ter muitas dificuldades de manter lembranças de sua língua nacional... Muitas estratégias foram criadas por ela para não perder a fluência no português:

“Estava sempre em contato com minha família, lia livros em Português, mas foi tudo mais fácil com a internet, podia me corresponder, e falar com a família pelo computador, facilitou muito (...) A primeira vez que voltei para o Brasil, mal conseguia falar português, e me senti muito mal por isso!” (Mnda)

As novas tecnologias passam a ser fundamentais na narrativa dessa imigrante, tanto como estratégia de manutenção de laços com sua pátria, como estratégia de convivência social e demarcação de seu lugar de imigrante brasileira naturalizada italiana (ela é casa com um italiano, com quem teve uma filha em comum, além do filho dela que foi adotado por seu marido).

São também as novas tecnologias que promovem um contato mais próximo com o Brasil, é através do computador que ela lê notícias, vê fotos da família e mantém seu contato próximo com os parentes brasileiros:

“Estou sempre com todos no facebook, e antes utilizava muito o Skype, e e-mails. Hoje é tudo mais fácil, quando eu cheguei aqui não era assim, me sentia muito só, não tinha amigos, por que o povo do Veneto é muito frio, muito fechado!” (Mnda)

As referências à “frieza” do norte da Itália são muito recorrentes em nossas conversas, e, um trecho particular de sua fala foi o que realmente me motivou a escrever sobre suas experiências:

“O Brasil é para mim o horizonte, sinto falta do mar, Belluno é a verticalidade, as montanhas me oprimem, eu me sinto fechada, presa, sufocada pela paisagem das montanhas, elas são lindas, mas elas fecham meu horizonte!” (Mnda)

O horizonte a verticalidade aparecem no discurso de nossa personagem como imaginação espacial do que seria a experiência de uma brasilidade e a sua vivência da italianidade. O horizonte é sua casa, seu lar, o seu lugar do afeto, e a verticalidade é opressora, remete à sua experiência traumática como imigrante, os preconceitos sofridos, a

saudade do lar, a vida difícil de faxinas e cozinhas, mais ainda sim, a única saída para a falta de oportunidades no Brasil, em fins da década de 1980 e início da década de 1990:

“Quando eu vim pra cá não tinha-se as oportunidades que se tem hoje no Brasil, eu nem conseguia estudar, tive que trabalhar cedo, em casa de família, sofri muito! Não tinha outra oportunidade que não ir para fora! E mesmo hoje, a qualidade de vida que temos aqui em Itália, eu não consigo ter no Brasil, sei que estamos bem aqui” (Mnda)

Sua vida na Itália, passados mais de vinte anos, é realmente acima da média, sua filha faz faculdade em Veneza, seu filho atua na mesma empresa há 10 anos, e seu marido, aposentado, pode se dar ao luxo de ter um carro de sua marca favorita “Mercedes”. Em sua casa ela tem um carro para si, e seu filho outro. Possuem apartamento próprio e uma vida confortável, podem viajar nas férias, e ter uma boa alimentação, e acesso a tecnologias diversas. Por isso, Mnda reconhece que sua qualidade de vida é hoje, superior a que teria no Brasil, considerando que não possui curso superior e não teria tido no Brasil, de sua época, oportunidades de estudo. No entanto, tampouco na Itália ela teria concluído seus estudos, e sua profissionalização teria se dado de forma prática, através de sua experiência acumulada como cozinheira.

E se a internet é o veículo por meio do qual ela mantém seus laços com os parentes, também é a forma com que ela busca informações sobre o Brasil, e nesse ponto, as mídias positivas quando ao desenvolvimento econômico do país, as oportunidades de cursos técnicos, e superiores, são memória recorrente na construção da ideia de uma pátria acolhedora e que se torna um lugar para viver em sua velhice:

“Eu queria passar a minha velhice no Brasil, mas duvido que o Francesco vá, mas eu tenho vontade de passar um tempo lá, dar aulas de italiano talvez, e passar um tempo na casa da minha família, sinto muita falta do Brasil” (Mnda)

O Brasil da horizontalidade é o Brasil onde, na percepção de nossa entrevistada, na atualidade as crianças estudam, as pessoas podem ter oportunidades que na época em que Mnda imigrou, não possuíam, além de designar a fronteira era o afeto (Brasil) e a determinação (Itália), a distinção entre as montanhas e o litoral, trata-se de uma classificação geográfica que funciona também como classificação histórica, sociológica, filosófica, como num jogo de fronteiras: o princípio de “estar aí” e “ser alguém” (MIGNOLO, 2003), que para nosso exemplo funcionaria mais como um “ser no Brasil” e “estar na Itália”: uma oposição de ritmos e estilos de vida, de identidades, e com o “estar adaptado” e o “ser brasileira”.

O seu “estar” sempre suspenso, sempre angustiante, sempre em indefinição, e um ser de uma brasilidade reinterpretada a partir de um estar no exílio, o que é claro, trás novos conteúdos a essa brasilidade construída a partir de uma visão externa do Brasil, mesclada com uma visão de um lar romanceado. Um lar de oportunidades, um lar onde se é possível ser feliz, ter sucesso e viver uma boa velhice.

Trata-se, assim como Mignolo aponta sobre a lição de Kusch⁵ (2003) da coexistência do caos e da ordem em contraste com formas ocidentais de pensamento, da luta individual por “*ser alguém mesmo estando aqui*” moldada num mundo onde se deve adaptar-se a uma lógica de objetos acomodados, uma lógica moderna e ainda colonial. Por isso ao mesmo tempo em que essa imagem romanceada da pátria, aparece projetada numa velhice agradável em solo conhecido, onde se é possível “ser”, novamente a qualidade de vida conquistada na Itália é utilizada como justificativa para a não realização do sonho:

“Mas eu também ouço que as coisas no Brasil estão muito caras, neh, nossa que susto levei da última vez que fui pra lá, a vida aqui é muito melhor, eu tenbo meu carro, Alex o dele e Francisco o dele, e no Brasil acho que isso nem seria possível! Sem falar na violência, neh! (...) mas eu sinto tanta falta da praia, do sol, de ver o horizonte...” (Mnda)

Apesar da ressignificação do Brasil quanto um lugar dos afetos, e de novas oportunidades, o que vemos no discurso de Mnda é a reprodução de um discurso onde a Europa é a terra das oportunidades profissionais, do projeto de vida racional, e o Brasil, a casa, ou seja: a pátria afetiva. A impossibilidade de uma integração total à cultura italiana, e as saudades de sua família no Brasil, apesar de produzirem uma leitura positiva, embora romanceada, de um Brasil com oportunidades e em pleno desenvolvimento econômico, não faz de seu retorno um projeto de vida produtiva, apenas um sonho de velhice, ou seja: aposentadoria.

Tais apontamentos indicam que o estabelecimento de “regimes de verdade” perpassa necessariamente as práticas discursivas. Ele se insere num jogo de poder narrativo, onde as contradições são silenciadas e criam-se suportes institucionais que conferem legitimidade a uma dada versão. Deleuze e Guattari (2011, 1977) mostram como tais práticas discursivas, que eles denominam “agenciamentos coletivos de enunciação”, ao se reunirem em regimes de significações (ou máquinas semióticas), compõem nossas subjetividades. Aí reside sua força e sua importância, estes agenciamentos, ao

⁵ Mignolo faz uma leitura da obra do pensamento de Kusch em definição da “fagocitose cultural” enquanto uma luta para “estar aqui” e que evidenciaria um ego consciente, onde a razão do senhor é absorvida pelo escravo e este pode ter acesso tanto à lógica de si, enquanto escravo quando a lógica do seu senhor: trata-se da formação de uma razão subalterna, a produção de um pensamento liminar (MIGNOLO, 2003)

“naturalizarem” um discurso, dificultam as possibilidades de seu questionamento, torna-os verdades *à priori*, “baseada em pressupostos não mais reconhecidos como tais é uma imaginação com a força implacável do evidentemente óbvio. Eis aí o problema” (MASSEY, 2008, p. 39).

Atento à naturalização das realidades imaginadas, Benedict Anderson (2008) mostra como as narrativas inventam ao mesmo tempo em que mascaram num jogo de seleção e esquecimentos. Estudando o surgimento e a difusão dos nacionalismos ele propõe a definição de nação como uma comunidade imaginada:

Assim, dentro de um espírito antropológico, proponho a seguinte definição de nação: uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana. [...] ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles. (ANDERSON, 2008, p. 32)

É sobre este sentimento de comunhão que Anderson se debruça, questionando de que modo ele surge e se legitima. Ele mostra como o nacionalismo - enquanto expressão de um tipo de consciência radicalmente transformada em relação à monárquica/dinástica - teve de criar sua própria narrativa, usando de dispositivos de agenciamento como mapas, censos, Atlas, museus e registros historiográficos diversos.

Na medida em que as narrativas se tornam hegemônicas ou privilegiadas, elas fornecem um quadro de referências que fundamentam e reforçam sentimentos de pertencimento e de origem comum. Ocorre deste modo uma universalização de histórias particulares, uma “naturalização” que opera de modo intenso na formação de nossas subjetividades, que reverbera no modo como agimos na contemporaneidade.

É a partir desse pertencimento que Mnda constrói a sua relação afetiva com o Brasil da horizontalidade (afeto, família, lembranças da infância) e a verticalidade (projeto de vida, trabalho, racionalidade), apesar da lembrança do Brasil ser positivada a partir de suas ligações afetivas, em detrimento de um passado duro, de pobreza, privações, o projeto racional de vida, continua sendo o projeto da imigração para a Itália. O Brasil, relegado ao lugar de sonho, da possível “velhice” feliz, é um Brasil romanceado que difere muito pouco, o Brasil dos italianos que passa as férias nas praias cariocas e de se deslumbram com nosso litoral.

No entanto, o projeto do sucesso continua sendo o projeto de vida na Itália, e dessa forma, a pátria mãe é acolhedora como um lugar de descanso, um projeto de

aposentadoria, ou seja, apenas ao final da vida produtiva se faria projeto uma vida no Brasil. Nem mesmo as crises vivenciadas na Europa, e, em especial, na Itália destroem a sua crença de que na Europa estaria a realização econômica e profissional, já que ela não teria terminado seus estudos, tendo sido reconhecida como “cozinheira” na Itália em virtude de anos de trabalho, e não por formação superior. Mesmo reconhecendo as dificuldades pelas quais a Itália está passando e tendo sofrido por quatro meses a experiência do desemprego, considera o seu trabalho de cozinheira num restaurante de seu bairro, uma situação mais segura e promissora do que qualquer uma que poderia vir a vislumbrar no Brasil.

As mídias positivas sobre a economia brasileira e as possibilidades de estudos passam a constituir uma imagem positiva do Brasil, em comparação com a sua experiência pessoal de pobreza, privação, e subemprego, mas não são suficientes para fazer do Brasil um projeto de vida profissional, ou uma projeção de sucesso econômico. Apesar de o Brasil representar seu horizonte dos afetos, da casa da família, do amor e do acolhimento, não se torna opção à vida na Itália. O que subjaz seu sentimento e está presente em seu discurso é um pensamento do Brasil enquanto país em desenvolvimento, mas ainda assim inferior a qualquer projeto econômico europeu.

Neste contexto, o projeto colonial continua sendo o projeto de sucesso, e por isso, a vida na Itália e sua suposta qualidade de vida se tornam superiores a qualquer projeto na sua pátria imaginada, mesmo que o seu “estar” não represente condição de felicidade ou mesmo sensação de acolhimento, pertença e realização. O projeto de sucesso é a contra-colonização, ou seja, o colonizado conquistando o país colonizador, e não, conquistando as condições de sucesso em seu país de origem.

Outro ponto relevante diz respeito à “qualidade de vida” na Europa e sua superioridade em relação à vida no Brasil. A terra do “Outro” europeu é a terra das oportunidades e da real qualidade de vida, sobrando para as ex-colônias o futuro de um desenvolvimento que esta em andamento. Assistimos à mesma colonialidade do saber de que trata Lerma (2010, p. 10) em relação à produção do conhecimento científico, é onde “se establece una geopolítica del conocimiento dentro de la cual el mundo colonizado no produce sino que reproduce el conocimiento europeo, por lo cual es posible hablar de una *colonialidad del saber*, ya que el conocimiento europeo se plantea y percebe como universal, objetivo y verdadero”, mas que podemos aplicar também a uma análise dos modos de vida, reforçando-se os processos de subordinação à cultura e modo de vida europeu.

O discurso de Mnda, embora mobilize artifícios de um Brasil positivo, em desenvolvimento, de futuro promissor, reproduz o a dimensão de sobreposição de um

sistema-mundo moderno/colonial/capitalista/patriarcal onde o modo de vida europeu é o modelo da qualidade de vida para o mundo. Para além de uma colonização dos corpos, e dos saberes, (GROSGOUEL, 2010; LERMA, 2010) temos aqui uma colonização dos costumes e do próprio ideal de felicidade subjacente à ideia de qualidade de vida (moderna/capitalista), onde nem mesmo a crise econômica pela qual passava toda a Europa e ainda de forma mais aprofundada, a Itália, foram suficientes para desconstruir.

O que estão reforçadas nesse discurso são as hierarquias de poder, classe, língua, raciais, geográficas, sexuais e econômicas que sempre estiveram presentes na relação entre “nós” e o mundo europeu, ou seja, as relações coloniais de dominação. A verticalidade opressora continua oprimindo o pensamento, o corpo, a visão, e também os sentimentos. O projeto de qualidade de vida, de melhoria e sucesso, é o projeto colonial: um projeto opressor, silenciador, homogeneizante, hegemônico e hierarquizante:

“As montanhas me oprimem, fecham meu campo de visão, me impedem de ir ...é tão frio, é triste e solitário” (Mnda)

Embora Mnda sinta o peso desse discurso, e na metáfora “horizonte e verticalidade” seja capaz de perceber claramente como esse projeto é opressor e não permite “ser”, deixando-a em constante “estar sem pertença”, seu discurso **é** reforça essas mesmas categorias opressoras que subjugam os modos de vida dos países do sul.

Por mais acolhedora que seja a pátria brasileira ela não pode oferecer as condições de existência de uma Europa rica, antiga, e forte, mesmo que esta seja também opressora, repressora e fria. Eis o sucesso de um projeto de colonização do pensamento empreendido pelo capitalismo ocidental!

A imigração enquanto um projeto racional reproduz a ideia capitalista de que o Centro desenvolvido onde reside a verdadeira civilização, é o reino do único sucesso profissional possível e da verdadeira qualidade de vida. As noções e conceitos do que viria a ser essa qualidade de vida, são facilmente identificáveis nas falas de Mnda, e englobam a possibilidade de ter cada um automóvel em sua casa e acesso a bens de consumo considerados luxuosos como: chocolates, vinhos, azeite de qualidade, entre outros:

“O azeite aqui tem um gosto diferente do azeite no Brasil, aqui temos vinhos, temos vários produtos que no Brasil eu nem saberia o que é... Os eletrônicos aqui também são muito mais baratos que no Brasil” (Mnda)

A ideia de qualidade de vida está ligada à participação no mercado de consumo capitalista e acesso a bens industriais, e, principalmente, a assimilação de um modo de vida

européu: consumo de frutas, vinhos, azeite, e outros produtos comuns a uma dieta mediterrânea. O que estão em jogo, não são apenas oportunidades de trabalho ou de estudos, mas o acesso ao modo de vida europeu, um modo de vida considerado superior. Essa naturalização da superioridade europeia é o que transforma o projeto da imigração em único projeto possível, e por si só em projeto de sucesso. A vitória seria a simples assimilação da vida europeia, e a possibilidade de ter acesso aos bens e produtos que os colonizadores têm. Ou seja, apesar de se formar profissionalmente como “cozinheira”, não se preocupou e, realizar cursos de formação, ou qualificação: não se trata apenas de um projeto profissional, mas sim, um projeto que demarca acesso a bens considerados superiores.

Entretanto, mesmo lendo o mundo a partir da ideia de um modelo de felicidade circunscrito ao estilo de vida europeu, ao identificar o Brasil à horizontalidade, Mnda resiste a assumir a ideia da qualidade de vida europeia quanto um fetiche da felicidade. A qualidade de vida não é a felicidade, não é o horizonte de um pensamento livre, não é a pertença, e não dá o que só a pátria brasileira é capaz de fornecer: “a velhice feliz”.

A real qualidade de vida é aquela expressa nas lembranças da farinha de mandioca, da pimenta, dos sabores de casa. Estão nos elementos que a permitem saborear a terra e se deleitar em sua casa:

“Sinto tanta falta da pimenta, da próxima vez que você vier podia trazer pimenta ... sinto falta do feijão de minha mãe, aquele cheirinho humm” (Mnda)

Por isso, seu sonho, seu devaneio a leva de volta para casa numa velhice imaginada, planejada e desejada, mesmo que não seja possível. A felicidade está sempre lá: na casa de sua mãe, no colo de sua mãe, no feijão com pimenta e farinha.

Quando lá cheguei, antes de nossas conversas na cozinha, fui recebida com uma moqueca, essa moqueca era uma exaltação da terra, uma ode a terra presente na própria noção de horizontalidade que Mnda tanto repete como sendo “seu horizonte”, sua “morada chamada terra” parafraseando Mia Couto (2014).

EM FINALIZAÇÃO...

Mesmo que nas falas sobre a saudade do Brasil, artigos nacionais como: pimenta, feijoada, e a carne brasileira sejam relacionados à felicidade, prazer, ou seja: qualidade de vida. Em nada superam a ideia de uma qualidade de vida que estaria no modelo de vida europeu. Mais uma vez, o afeto (Brasil) perde para a racionalidade (Europa), e mesmo os sabores da infância não é o bastante para se desistir do projeto de imigração, ou justificar um retorno para a casa.

A casa imaginada, a casa da pátria, nunca se iguala à civilização europeia e sua qualidade de vida superior, nunca representará as mesmas oportunidades e condições de realização. Esse pensamento reforça de forma global a inevitabilidade do sistema econômico capitalista e o modo de vida ocidental/capitalista/moderno/patriarcal como projeto de qualidade de vida e realização pessoal.

Esse mesmo pensamento subjaz o projeto de diversos imigrantes brasileiros que vão tentar a vida na Europa ou na América do Norte, acreditando na mesma qualidade de vida que é veiculada nas mídias brasileiras e internacionais. Mesmo a crise europeia não é suficiente para colocar em cheque essa verdade, e por mais que a mídia internacional destaque a economia brasileira, efetuando o que podemos identificar como uma verdadeira propaganda anti-imigração, o modo de vida europeu continua sendo modelo de qualidade de vida, logo de felicidade, mesmo que nas vivências experimentadas com a imigração, a única certeza que se possa ter é a saudade de casa! Aqui o projeto ideológico é forte o suficiente para não colocar em questão o discurso de prosperidade europeia, embora na prática a situação da Europa demonstre que esse modelo não existe mais, se é que um dia existiu, o discurso de prosperidade se faz forte ideologicamente, o suficiente para o projeto não ser abandonado, mas que não tenha efetivamente se tronado “fonte de felicidade” para a entrevistada.

E é a partir da saudade de casa que o projeto de qualidade de vida à adesão ao modo de vida Italiano, no caso de Mnda começa a ruir... Embora o acesso aos bens na vida atual a convença de que seu projeto foi bem sucedido, a “felicidade” buscada só é possível no Brasil:

“Eu queria passar a minha velhice no Brasil...”

A projeção para o futuro é a contradição entre o projeto bem sucedido de vida na Itália e os sentimentos de “falta de horizonte”, falta de liberdade, evidenciados pela paisagem das “opressoras montanhas”. O que o futuro romântico de passar a velhice no

Brasil contém, é a própria crítica ao projeto moderno que não permitiu felicidade aos imigrantes. Representa a não integração, e a impossibilidade de se sentir parte de uma cultura e vida que lhe foi imposta, quanto como modelo quanto como ideal.

A horizontalidade corta a verticalidade, abre o olhar, enseja novas possibilidades, novos rumos, e permite à mente voar:

“O horizonte com o mar ao funda me trás uma paz... uma sensação tão boa... coisa que não sinto aqui?”

O projeto moderno falha, embora não o ideal de qualidade de vida que ele vende. Mas os sentimentos conflituosos expressos na dicotomia horizonte X verticalidade, nos evidenciam a luta de projetos locais, contra um projeto colonial/global/hegemônico que se firma cultural, e economicamente. Onde o horizonte resiste nos mostrar que a realidade híbrida e inter-relacional, pode estar aberta a devires múltiplos (DELEUZE & GUATTARI, 2011 e 1977) novas possibilidades de se pensar projetos de vida que não perpassam necessariamente pelo ideal de qualidade de vida capitalista/moderno.

Ao final, a mesma permanece na Itália, em virtude da família e de um ideal de qualidade de vida, ratificada nas falas em que destaca os bens adquiridos, mas não se exalta um ideal de vida profissional, ou qualquer fala que corrobore uma realização pessoal através do trabalho. O trabalho do sustento da casa vem de seu marido, mas ela se sente vitoriosa do ponto de vista econômico, notadamente a submissão ao projeto patriarcal não é o que a incomoda, já que a mesma pensa no casamento como um mecanismo de acessão social:

“Eu queria ter uma vida melhor e dar uma vida melhor para o meu filho, por isso casei e vim pra cá...”

Ao final, o vínculo material se destaca, mas não a realização pessoal, daí a constante angustia e tristeza destacada durante as conversas e expressas em seu olhar, sempre triste:

“Eu sinto falta do Brasil, eu sei que tenbo que me orgulhar de tudo que conquistei, olho para as minhas irmãs e me sinto uma vencedora aqui, mas também vejo o que passei nesse frio, nessas montanhas e meu sonho é passar a minha velhice no Brasil”.

Por mais hegemônico e sedutor que seja o ideal de qualidade de vida dos países do norte, ele não garante a felicidade de seus nativos, quanto mais, aos seus imigrantes, e mesmo que a horizontalidade não desmonte esse ideal de qualidade de vida, ela opera uma

desconstrução de um ideal de felicidade possível no “fora”, e permite a ressignificação de uma ideia de pátria brasileira positiva, em detrimento à pátria deixada para trás.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict R. Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

APPADURAI Arjun. *Après le colonialisme. Les conséquences culturelles de la globalisation.* Paris, Payot, 2001.

BECK Ulrich. *Qu’est-ce que le cosmopolitisme ?* Paris, Alto/Aubier, 2006.

COUTO, Mia. *Um Rio Chamado Tempo, uma Casa Chamada Terra.* 1ª ed. da Caminho em 2002; 3ª ed. em 2004.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1.* São Paulo. Editora 34, 2011.

DELEUZE, G. *Conversações.* São Paulo. Editora 34, 3ª Edição. 2013.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor.* Rio de Janeiro. Imago Editora LTD, 1977.

DUSSEL, Enrique. “Meditações anticartesianas sobre a origem do antidiscurso filosófico da modernidade”. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de & MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul.* São Paulo: Cortez: 2010, p. 341-395.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas.* Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GROSGOUEL, Ramón. “Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global”. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de & MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul.* São Paulo: Cortez: 2010, p. 455-491.

LERMA, Betty Ruth Lozano. “El feminismo no puede ser uno porque las mujeres somos diversas. Aportes a un feminismo negro decolonial desde la experiencia de las mujeres negras del Pacífico colombiano”. *La manzana de la discordia*, Julio - Diciembre, año 2010, Vol. 5, No. 2, p. 7-24.

MASSEY, Doreen B. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. Imaginando a Globalização: Geometrias de poder de tempo-espaço. Revista Discente Expressões Geográficas. Florianópolis, n. 03, 2007, p. 142-155.

MIGNOLO, Walter. “Compreensão humana e interesses locais. O ocidentalismo e o argumento (latino-)americano”. In: _____. Histórias locais, projetos globais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003, p. 181-238.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p.3-15.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo, HUCITEC, 1996.

SENNETT Richard. A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SCHAMA, Simon. Paisagem e Memória. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

TARRIUS Alain. Les nouveaux cosmopolitismes. Mobilités, identités, territoires. La Tour d'Aigues, Ed. de l'Aube, 2000.

SIMON, Gildas. Penser globalement les migrations”. *Projet*, n° 272, 2002. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-projet-2002-4-page-37.htm>>. Acesso em 12/05/2015.

Recebido em: 12 de setembro de 2016

Aceito em: 19 de dezembro de 2016